



MATERIAL DE APOIO DAS CAPACITAÇÕES 2007/2008

DESPERTAR ARTE E CULTURA EM UTIS

Apoio



Patrocínio



Apoio



Realização



arte despertar

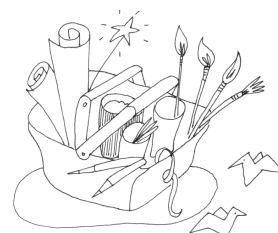
APRESENTAÇÃO

O conteúdo deste manual foi elaborado pela Associação Arte Despertar - AAD durante o ano de 2007/2008 como parte do PROJETO DESPERTAR ARTE E CULTURA NAS UTIs, que nasceu da parceria com a Empresa Bandeirante-Energias do Brasil.

Em 2006 a citada empresa, abriu pela primeira vez um edital para o desenvolvimento de projetos sociais, visando estabelecer novas parcerias para atendimento das cidades da área de sua concessão. Dos 200 projetos inscritos 16 foram aprovados, entre eles o da Arte Despertar que com sua experiência, acumulada em onze anos de atuação na humanização de hospitais, enviou proposta para trabalhar com as linguagens artísticas nas UTIs hospitalares, sendo que no primeiro momento com atendimento e sensibilização da equipe para posteriormente capacitar profissionais da saúde, voluntários e arte educadores interessados em continuarem essa ação com vista à sustentabilidade do projeto.

Após a fase diagnóstica elaborada pela AAD, o Município de Guarulhos foi escolhido e os espaços foram sensibilizados para receberem a proposta. O atendimento foi iniciado envolvendo funcionários, pacientes e acompanhantes e após alguns meses o processo capacitador começou com a participação de interessados dos hospitais e arte educadores da Secretaria Municipal de Cultura de Guarulhos que se mostraram disponíveis em levar adiante as propostas lúdico- arte educativas. Esse grupo participou de encontros mensais de capacitação e abertura para observação do trabalho desenvolvido nos hospitais com objetivo dos educadores da AAD, darem o suporte adequado para as futuras inserções e ações arte educativas.

Foi criada uma “caixa de possibilidades” para cada hospital participante, com materiais de artes plásticas, contação de histórias e música tais como: papéis, canetas, livros, dedoches, fantoches e instrumentos de percussão.



QUEM SOMOS

A Associação Arte Despertar é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1997 com o objetivo de realizar ações educativas, culturais e de responsabilidade social por meio da arte-educação. A sua missão é despertar o potencial criativo e as habilidades de cada um visando o desenvolvimento de ações que possibilitem a resignificação do ambiente transformando o indivíduo e consequentemente a sociedade.

Os projetos da AAD atendem crianças, jovens e adultos, nos segmentos, comunidades e hospitais, realizando diariamente oficinas de artes visuais, artes cênicas, literatura e música com uma equipe composta de profissionais especializados.

A capacitação da equipe de educadores da AAD já ocorre há dez anos e há seis anos a Instituição ampliou sua atuação sensibilizando interessados em replicar as ações por meio de cursos, workshops, vivências e palestras.

O TRABALHO EM COMUNIDADES iniciou suas atividades de inclusão social por meio da arte em 1997 na Aldeia SOS Rio Bonito com crianças abrigadas judicialmente. Desde 1998 realiza um projeto arte educativo em parceria com o Programa Einstein na Comunidade/PECP, com crianças e jovens da favela de Paraisópolis, situada na zona sul do município de São Paulo, e na favela do Jardim Colombo, também situada na zona sul, capacitando educadores de creches, jovens da comunidade e educadores dos Núcleos de Ação Educativa.

NO HOSPITAL realiza há onze anos um projeto de humanização hospitalar por meio da arte e cultura, iniciando a parceria com o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas/InCor, depois com o Instituto de Oncologia Pediátrica/IOP/Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer/GRAACC, e atualmente expandiu o trabalho para as UTIs da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Realizou também projetos em outros hospitais, como o Emílio Ribas e Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas/IOT, todos localizados em São Paulo.

Após a seleção pela Empresa Bandeirante, a Arte Despertar abriu seu leque estabelecendo parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Guarulhos atendendo cinco hospitais da rede e com a Secretaria Municipal de Cultura do mesmo município para formação de seus arte educadores e ocupação do espaço do Teatro “Padre Bento”, onde ocorreram as reuniões mensais de capacitação.

Temos confiança que após o término de nossos atendimentos, os capacitandos irão saber utilizar nestes espaços o material da caixa de possibilidades, enriquecendo com novas propostas do repertório cultural de cada um.

COMO USAR ESTE MANUAL

Esta publicação é para fins didáticos e serve de suporte para iniciativas de replicabilidade da metodologia desenvolvida pela AAD na qual a arte é o pilar das ações educativas, culturais e de responsabilidade social.

Os conteúdos desta publicação são parte integrante do TRABALHO DE CAPACITAÇÃO, e devem ser utilizados por pessoas ou grupos que participaram da sensibilização e capacitação desenvolvido pela equipe da AAD. Ele servirá para preparar os seguintes grupos:

1- **equipe de saúde do hospital** – médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais interessados em ampliar seu desempenho.

2- **arte educadores** que entendam e se identifiquem com a arte levada aos espaços da saúde.

3- **voluntários em geral ou funcionários do hospital** que nem sempre têm contato direto com os pacientes, porém gostariam de ter uma chance de se tornarem úteis também nesse campo.

A ARTE DE HUMANIZAR

Camila Bluwol Bigio

Quem pode?

Qualquer pessoa disposta a usar seu tempo e suas habilidades e que também queira ampliar seus conhecimentos pessoais e/ou profissionais mediante uma ação direta na comunidade.

É necessário ter uma boa estrutura emocional. Não é recomendável para pessoas com tendências depressivas, que sofreram ou tiveram pessoas próximas acometidas por uma doença grave ou que estiveram na UTI recentemente.

Qual a importância?

Por meio da solidariedade, da responsabilidade social e da busca de novos aprendizados, cada um de nós pode ajudar a melhorar o mundo que nos rodeia. Ações de governo não são suficientes. É preciso que cada cidadão se envolva e faça a sua parte.

Quais as implicações e os benefícios?

O exercício de atividades artísticas implica compromisso, responsabilidade, respeito e valorização das pessoas e do ambiente. Esse trabalho traz diversos benefícios não só para as pessoas atendidas, mas também para as que o realizam. Exemplos:

- descoberta de potencialidades e novas formas de atuação social
- melhoria da comunicação com as outras pessoas
- desenvolvimento de um pensamento crítico e participativo
- aumento da auto-estima
- consciência e responsabilidade sociais

Como é o ambiente da UTI?

Por muito tempo, o hospital, e principalmente a UTI, eram lugares onde as pessoas eram levadas para morrer. A UTI, muitas vezes era vista como um

local estranho e assustador. Porém, em paralelo aos avanços científicos e tecnológicos, surgiu a Humanização Hospitalar, preocupada em tornar esse ambiente agradável, acolhedor, desmistificando a outra visão. Descobriu-se que isso era fundamental na recuperação dos pacientes, com a existência de várias pesquisas que comprovam cientificamente esse dado. Hoje, ao tomar contato com a rotina dos hospitais, encontramos soluções animadoras e surpreendentes.

Quais as dificuldades para trabalhar em uma UTI?

Em primeiro lugar, é preciso levar em conta que a hospitalização traz diversas mudanças para o paciente e para seus familiares. Há uma ruptura em sua rotina, o convívio familiar fica comprometido. O paciente é obrigado a adaptar-se a um novo ambiente com normas próprias, que nem sempre o agradam. A doença traz questionamentos e sentimentos como a raiva e a culpa, com as quais às vezes é difícil lidar. Medo e incerteza permeiam algumas etapas do tratamento.

Em muitos momentos, alegria, contentamento, esperança, força e coragem estarão presentes, porém algumas situações podem causar sentimentos inesperados como choro, raiva, choque, pena e angústia

Quais são os públicos que encontramos nas UTIs?

Bebês- estão na época de formação e são extremamente sensíveis, com isso qualquer ruído, luz, manipulação inadequada pode afetar seu desenvolvimento. É necessário prestar atenção as respostas reacionais dos bebês, isto é, como eles respondem se fecham os olhos com a luz mais intensa, se começam a chorar ou ficam mais tranquilos com as atividades, etc.

Crianças- época de desenvolvimento apresentando dificuldades de expressão verbal. Muitas vezes vêem a doença como punição por algo errado que fez. Por vezes se fecham e não demonstram a tristeza e o

sofrimento para proteger seus pais. As atividades com arte ajudam nesse processo trabalhando os sentimentos e emoções.

Adolescentes- Época que ocorre uma crise de identidade em relação ao seu corpo, aos valores existentes, as escolhas. É um período de reorganização pessoal e social que se inicia, na maioria das vezes com contestações, rebeldias, rupturas, inquietações, medos, e vontade de assumir o controle da própria vida. Com a doença essa fase torna-se mais crítica, com distorções da sua imagem e percepção corporal. Existe a necessidade de dar privacidade ao adolescente sem isolá-lo.

Adultos- Ruptura com a fase ativa que se encontravam. Perde-se o papel de provedor, do cuidador. Há a perda da autonomia, passando a ser cuidado. Necessidade de o paciente participar do seu tratamento que dê sua opinião e que faça escolhas.

Idosos- Sendo a época do ciclo vital que há limitações constantes e acumulativas de elementos de natureza genética, biológica, psicológica, social e cultural, vê a proximidade da morte. Muito comum a regressão e casos depressivos, Existe a necessidade de estimulá-los e incentivá-los para manutenção da capacidade funcional e de adaptação física, psíquica e social, de acordo com as novas necessidades.

Familiares- Muitas vezes há o sentimento de negação, incredulidade, raiva contra tudo e contra todos, perda do controle sobre o filho, não são mais eles que cuidam, sentimento de impotência, questionamentos- por que comigo? Importante informa-los com linguagem simples sobre a doença, tratamentos e gravidades do caso. Permitir a expressão de sentimentos como tristeza, raiva e medo. Propor atividades que os aproximem do paciente e da equipe não mais da doença.

Equipe hospitalar- Emoção a flor da pele, oscilações constantes entre o sucesso e o fracasso, alto grau de exigência em local que não permite falhas,

rotina desgastante e fadiga, alto grau de criticidade. Necessidades de tornar o ambiente menos tenso, promover a solidariedade entre a equipe.

Algumas ações simples para humanizar as relações

- chamar o pacientes e familiar pelo nome (garantia da identidade);
- propor atividades de acordo com a faixa etária, nível de desenvolvimento e situação que se encontra o paciente (mobilidade, coma, consciente...);
- atentar para o volume de voz;
- tornar o ambiente mais familiar, deixar que o paciente traga alguma coisa significativa para dentro da UTI, é claro que quando possível;
- Situá-lo em relação à data, horário e condições climáticas;
- Quando possível, preservar o sono do paciente;
- Disponibilidade, flexibilidade, abertura e solidariedade.

Posturas e Condutas

Que outras recomendações devem ser feitas a quem se dedica ao trabalho de humanização?

- manter a pontualidade, a assiduidade e uma atitude de compromisso é essencial, não esquecer que outra pessoa conta com você;

- usar sempre uniforme, para fácil identificação de parte da equipe e dos próprios pacientes (o hospital irá determinar a necessidade de se colocar mais um avental, específico da UTI);
- desligar o telefone celular;
- lavar as mãos antes e depois de cada atendimento;
- manter os cabelos presos;
- na medida do possível, evitar o uso de jóias e bijuterias; informar-se junto à equipe hospitalar sobre os pacientes que estão disponíveis para o trabalho;
- pedir permissão para entrar e se aproximar do leito do paciente, identificar-se e não sentar na cama, na mesa e nem no chão;
- retirar-se discretamente se perceber que sua presença está atrapalhando o paciente ou a equipe hospitalar;
- respeitar sempre a opinião do paciente, ainda que ele não queira participar da atividade;
- não oferecer nenhum tipo de alimento nem dar presentes;
- interagir com o paciente, evitando beijos e abraços;
- procurar a equipe hospitalar sempre que precisar de algum esclarecimento.

O PORQUÊ DE SE LEVAR ARTE E CULTURA PARA AS UTIs

Maria Helena da Cruz Sponton

A necessidade de humanizar a área da saúde é atualmente um aspecto relevante, sendo enfatizada e preconizada pelo Ministério da Saúde, em sua Política Nacional de Humanização (2003). Está comprovado que a arte é um estímulo importante e eficaz, indicando caminhos para a efetiva concretização dessa política.

A política adota a definição que humanizar é resgatar a importância dos aspectos subjetivos e sociais dos indivíduos, indissociáveis do físico. É respeitar o outro em sua totalidade dando ênfase ao seu lado saudável.

Dessa forma é necessário assumir uma postura ética que respeite as singularidades e necessidades dos pacientes e acompanhantes, transformando a ambiência fria e impessoal em um atendimento que leve em conta a comunicação e socialização dos repertórios culturais de cada um.

O trabalho por meio das linguagens artísticas possibilita essa comunicação e resgate cultural, oferecendo aos pacientes, acompanhantes e equipe do hospital, momentos para expressar sentimentos e emoções despertando potencialidades e habilidades muitas vezes reprimidas ou sem espaço para serem experimentadas. Frente à inatividade, frieza e ociosidade, das UTIs, o trabalho arte educativo, possibilita o pensar, conhecer, expressar e interagir.

Outro ponto que as atividades permitem é auxiliar o processo de recuperação trazendo o mundo para dentro das paredes, possibilitando que os pacientes sintam que estão em um ambiente na qual a barreira entre doença e saúde é demolida. É fundamental que as pessoas, nesse momento difícil, possam exercer e perceber seu papel, enquanto protagonista de suas histórias.

Não devemos ver a arte apenas como algo restrito as galerias, teatros, salas de concerto, museus, mas sim uma fonte presente no cotidiano de todos intimamente ligada aos atos de criar, trabalhar e fazer

A obra de arte, seja visual, musical ou literária, faz com que o grupo atendido sinta-se convidado a entrar nessa ciranda de ações interativas, provocando mudanças na forma de olhar e de se inserir no mundo.

No binômio arte x saúde o fator vida perpassa as duas instancias permitindo que os beneficiários descubram novos caminhos unindo prazer, conhecimento e relaxamento.

É importante pensar em alguns pontos importantes no trabalho de humanização com o estímulo da arte.

O paciente é um cidadão e, portanto tem direitos que devem ser respeitados, como aceitar ou não um trabalho oferecido, afinal é um dos poucos momentos que ele tem liberdade para fazer escolha;

Os trabalhos desenvolvidos devem contar com pessoas capacitadas para saberem se posicionar frente aos vários tipos de pacientes, doenças e uso de estratégias adequadas;

- utilização de propostas condizentes as diversas situações;
- uso de materiais possíveis em um ambiente de UTI;
- saber envolver a equipe e acompanhantes, sem interferir na rotina do paciente;
- respeitar o silêncio e a vontade do paciente de só escutar, sem participar ativamente;
- usar a arte enquanto fazer, contextualizar e apreciar, selecionando processos possíveis para cada caso e situação.

A convivência com a arte ajuda na construção de soluções para os mais variados problemas; exercita o sentir, olhar, inovar, criar possibilidades trazendo uma melhor compreensão dos momentos de dor, angústia, medo e tristeza.

Portanto o papel do capacitando é resgatar e enriquecer com esperança, valores, respeito e ética os indivíduos atendidos não deixando que seus olhos fiquem no vazio, passando indiferentes pela vida. Essa vida tem que ser resgatada e isso se faz também com arte e cultura.

É nessa linha condutora que acreditamos utilizando esse canal para auxiliar na recuperação dos danos decorrentes das internações e doenças, trabalhando a afetividade e desvendando e ampliando saberes.

ARTES PLÁSTICAS

A ARTE DE VER CONHECER E FAZER

Maria Helena da Cruz Sponton e Paula Galasso

“Para algo existir, mesmo um Deus, um bicho, um universo, um anjo é preciso que alguém tenha consciência dele. Ou simplesmente que o tenha inventado.” (Mário Quintana)

As palavras do poeta Mário Quintana explicitam bem a importância da linguagem visual no processo criativo e expressivo. É importante, porém que possamos refletir sobre alguns pontos da teoria e da prática da arte levada aos hospitais.

Quando falamos em artes plásticas ou visuais quais imagens nos vêm à mente? Quadros nos museus, as pinturas vivas de Tarsila do Amaral, as bandeirinhas de Volpi, o monumento às Bandeiras de Brecheret, em frente ao parque do Ibirapuera ou outras obras conhecidas por cada um.

O que esses exemplos, considerados arte, têm em comum com os trabalhos elaborados pelas crianças e adultos no ambiente da UTI hospitalar?

Importantes teóricos e estudiosos como Pareyson e Bosi abordam a arte em três esferas, que nos permitem pensarmos sobre essas questões. Para eles a arte é entendida como: construção, conhecimento e expressão.

- **arte como construção:** no ato de experimentar os materiais e técnicas, na busca de concretizar algo que ainda não existe, os pacientes passam pelo mesmo processo vivido pelos grandes artistas.

- **arte como conhecimento:** é o momento que o grupo atendido tem acesso a obras de arte de diferentes artistas e épocas, conhecendo um pouco de sua vida, processo de trabalho e produção. Esse movimento gera questionamentos, novos saberes, socialização e ampliação do repertório

cultural de cada participante. Outro aspecto é que o próprio fazer artístico gera conhecimento, pois o indivíduo ao criar, elaborar projetos, explorar diversos materiais, formas e cores, aprofunda a sua visão e consciência do mundo. Isso faz parte de um amplo processo de conhecimento.

- **arte como expressão:** é o desenvolvimento da expressão individual e criadora. A apreciação do seu próprio trabalho e dos demais do grupo serve também como alimento à ampliação desse criar.

Em suma, notamos que o processo artístico dos pacientes é muito semelhante ao dos renomados artistas, o que difere é o ambiente, a situação da pessoa, a pesquisa aprofundada, as técnicas elaboradas e ter a arte como profissão.

O papel do voluntário que irá trabalhar com essa linguagem é aguçar olhares e incentivar a expressividade e singularidade de cada um. Perguntas provocadoras são excelentes recursos para estimular o pensamento.

Exemplo: ao mostrar uma paisagem de Tarsila do Amaral, perguntar: qual a diferença entre fauna e flora? Quais os elementos da fauna nesse quadro? E da flora? Você reconhece alguma flor nesse quadro? Quais as flores de sua preferência? Esses cheiros te remetem a alguma situação? Qual?

Precisamos usar a arte como estímulo, provocação, usando estratégias lúdicas, permitindo que no início do diálogo a ser estabelecido, possamos conhecer o repertório cultural de cada participante, para em seguida acrescentar novos saberes.

A arte visual é uma linguagem ampla e necessária de se trabalhar em qualquer ambiente, principalmente nos espaços hospitalares, auxiliando na melhoria da qualidade de vida das pessoas possibilitando a elas momentos de relaxamento, calma, por meio da apreciação de imagens, contextualização, história e expressão plástica quando possível. Após essas

pequenas considerações, podemos nos reportar aos aspectos práticos da linguagem com a experimentação de técnicas e materiais.

Materiais e estratégias possíveis de serem trabalhados nas UTIs hospitalares

No espaço da UTI precisamos ter cuidados especiais em relação aos materiais e estratégias a serem desenvolvidas. Por exemplo, não levar nenhum tipo de tinta, suportes muito grandes, materiais que tenham cheiro forte ou mesmo que os pacientes tenham dificuldades de manusear.

Ressaltamos a importância da flexibilidade e adaptação das propostas à situação de cada paciente. Não esquecer que as propostas devem sempre ser testadas com antecedência, avaliando sua técnica, material e possibilidades. Para pesquisa mais aprofundada, recomendamos consultar a bibliografia e sites sugeridos.

A seguir, serão apresentadas algumas sugestões possíveis de serem trabalhadas:

A) Apreciação de obras por meio de reproduções e jogos

A apresentação de livros ou pranchas com reproduções de obras de artistas: pinturas, fotografias, esculturas, gravuras ou desenhos é fundamental, permitindo que todos tenham acesso e possam manusear, apreciando, conhecendo, comparando e estabelecendo relações de semelhanças e diferenças entre as obras apresentadas. Dar preferência a reproduções plastificadas, para que sejam higienizadas com álcool em gel, a cada atendimento.

Os jogos de quebra-cabeça, dominó, memória, imagens sobrepostas, trilha e outros que podem ser criados, auxiliam no processo, tornando o momento mais lúdico, dinâmico e socializador. Por exemplo: o grupo, ao sortear pedaços de várias obras, pode elaborar histórias, compor uma trilha sonora,

criar uma composição gráfica com os diferentes pedaços. Se possível também plastificar o material.

B) Valorização da experimentação e da expressividade

Um dos aspectos importantes, tanto no trabalho de apreciação quanto no trabalho prático, é não permitir posicionamentos críticos sobre: feio, bonito, certo, errado. O respeito às diferentes manifestações é fundamental.

O grupo tem que ter autonomia para arriscar, construir, explorar, sentir, dando forma e contorno a seus pensamentos e idéias.

C) Suportes

O suporte varia desde o papel branco aos coloridos com diferentes formas, tamanhos e texturas. O papelão paraná, cartolina, papel cartão, canson, papel kraft, vegetal e espelho são alguns dos materiais utilizados. Alguns deles estão presentes na caixa de possibilidades.

D) Lápis aquarelado, Canetas hidrográficas, Lápis de cera,

Na UTI, para substituir o trabalho de pintura, podemos utilizar o lápis aquarelado que além de não ter cheiro, não requer cuidados especiais. Deve ser usado como lápis de cor comum sobre um papel encorpado e depois, se quiser, com o pincel molhado na água se dissolve o pigmento, conseguindo muitas nuances.

O gizão de cera, as canetinhas e os lápis de cor sobre papel são materiais simples e que dão bons resultados.

E) Recorte e colagem.

Utilizar papéis coloridos e finos, fáceis de serem recortados. A colagem terá melhor efeito se o papel suporte tiver uma boa espessura. As tesouras devem sempre ter as pontas arredondadas e a cola de bastão.

Outros materiais também poderão ser incluídos na colagem: tecidos, sucata, folhas, flores, grãos médios, etc., enfim materiais que não exalem cheiro forte não desprendam poeiras e sejam de tamanho grande.

NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

Célia Gomes

Contador de histórias

*Cantando celebrai, oh Anciãos,
A história da nossa raça.
Que me seja dado ver em minha alma
O amor em todos os rostos.
E todos os espíritos que vieram antes,
O poder mágico que eles adquiriram,
A tradição Sagrada que me transmitiram
Para que a memória não desapareça.
Oh! Contador de histórias, sede minha ponte
Para aqueles outros tempos.
Para que eu possa Caminhar em Beleza
Com o ritmo antigo e a antiga rima.*

Introdução

A tradição de se contar histórias

Desde a antiguidade a humanidade utiliza as histórias para transmitir ensinamentos e para curar o planeta, o espírito e, por consequência, o corpo do homem. Para isso, eram utilizados mitos sagrados, mitos de criação e outros contos tradicionais de cada cultura.

Através de uma história e da trajetória de um personagem, o homem tem a oportunidade de aprender com a experiência narrada e se fortalecer, adquirindo esses conhecimentos antes mesmo de iniciar a sua jornada.

A presença do contador de histórias é bem-vinda em qualquer espaço. Seja em volta de uma fogueira, em casa, na escola, biblioteca, hospitais etc. Segundo a

É muito importante criar um ambiente caloroso para a troca de histórias. A fogueira pode ser acesa com brasas simbólicas: palavras, cantos, apenas um olhar, danças ou o que o coração pedir.

Não importa onde você esteja, em casa, na cozinha, na rua, no ônibus, no hospital, em um presídio, escola, etc. Você pode acender essa fogueira e aquecer o ambiente com suas histórias.

“Sempre que se conta um conto de fadas, a noite vem. Não importa o lugar, não importa a estação do ano, o fato de uma história estar sendo contada faz com que um céu estrelado e uma lua branca entrem sorrateiros pelo beiral e fiquem pairando acima da cabeça dos ouvintes. Às vezes, ao final de um conto, o aposento enche-se de amanhecer; outras vezes fragmento de estrela fica para trás, ou ainda uma faixa de luz rasga o céu tempestuoso.”

(Clarissa P. Estés, 1999)

A história narrada em uma Unidade de Terapia Intensiva, para crianças ou adultos, têm o poder de resignificar a dor, o medo, tensão e a ansiedade de pacientes, acompanhantes e equipe hospitalar.

Segundo Clarissa Pinkola, “As histórias são bálsamos medicinais” (Clarissa P. Estés, 1999). Ela diz que uma história narrada com o propósito de curar sobe pelas veias como um remédio e vem à tona percorrendo aquelas regiões obscuras e desconhecidas.

Muitas vezes, quando o corpo adoece, esta refletindo uma doença da alma. Os contos falam diretamente para a alma levando para ela, valores e emoções permitindo que sentimentos agradáveis substituam o medo, a dor, angústia, levando o paciente a um relaxamento e transformação do seu estado.

Ao ouvir uma história, o paciente também pode reconhecer-se nela e resgatar valores de sua identidade pessoal e cultural.

Atuação no espaço de UTI

Como chegar

Sempre com suavidade, percebendo os espaços e os estados de ânimo das pessoas presentes no local (levar alegria sim, mas sem exagerar ou artificializar a atividade). Aos poucos vamos, com naturalidade, nos apresentando e conhecendo os que ali estão: perguntando, por exemplo, seus nomes, de onde vieram, idade, mas sem entrar na questão da doença, pois nosso enfoque é o lado saudável dos pacientes, despertando e fortalecendo sua saúde por meio da arte. Importante perguntar à equipe responsável da sala atendida quais restrições existem para cada abordagem, como utilização da máscaras, estímulos possíveis para um paciente que está no isolamento...

Cuidados importantes

No trabalho em UTI, alguns cuidados são importantes e necessários em todo o contexto do ambiente hospitalar. Segue alguns cuidados importantes:

- As atividades feitas com sons, instrumentos de percussão e/ou melódicos, voz, músicas, livros, bonecos, devem ser cuidadosamente preparados, de acordo com as necessidades e limitações do ambiente atendido.
- O falar com a equipe de saúde antes do início da atividade pedindo informações sobre o quadro clínico dos pacientes. Sempre falar perto da pessoa, nunca chamar de longe um profissional para esclarecer uma dúvida ou outra informação.
- O falar com o paciente deve ser com voz firme e suave, colocando nas palavras a maior clareza possível sobre as explicações do trabalho, procurando expressar na voz uma sonoridade de cuidado, acolhimento.

- Nunca devemos colocar nenhum tipo de objeto (instrumentos musicais), objetos pessoais ou qualquer outro tipo de material, apoiado na cama do paciente.
- Devemos também ficar um pouco afastado do leito da cama, evitando respirar próximo do paciente.
- Não tocar com as mãos o paciente e/ou algum material que ele esteja usando clinicamente.
- O contato com o paciente deve ser permeado por um estado de bom humor, disposição e escuta.

Aqui cabe um chamado de atenção sobre a diferença entre escutar e ouvir.

Escutar é um ato de atenção, onde “sentimos” a verdade das palavras ditas por alguém. Escutamos “a vida” em todas as suas formas, quando nos colocamos voluntariamente na posição de “escuta”.

Ouvir é um ato sem registro, sem distinção. É um ato que a pessoa passa por nós, nos toca, mas não lhe damos atenção.

Narrando histórias

Qualquer pessoa pode contar histórias. O importante é que quem vai narrar esteja apropriado do conteúdo. Podem ser histórias que leu, ouviu ou viveu.

Se procurar histórias para contar, escolher as que mais gosta é um bom começo. A partir daí, pode-se utilizar diferentes recursos que auxiliem a narração e entendimento, envolvimento e participação na história.

Pode-se escolher uma música para introduzir o conteúdo da história. Encontrar ganchos como, por exemplo, ao contar história de bichos, perguntar se o paciente tem algum animal em casa ou conhece alguma letra de música que fale de bichos.

Recursos que auxiliam na narração:

Músicas

A música é um bom recurso, ela pode abrir ou aparecer no meio da história, sublinhando alguma informação importante criando a atmosfera ou clima da narrativa...

A música pode contar parte ou toda uma história, além de poder encerrar a narrativa... Um som pode chamar a história! Pode-se usar um chocalho ou um apito, um plin.

Bonecos

Os fantoches, dedoches, bonecos e objetos são bons companheiros das narrativas ou simplesmente conversar com os pacientes. Muitas vezes o paciente não quer conversar com ninguém, mas através do boneco se abre e se envolve.

Qualquer elemento pode ser utilizado como recurso: uma luva cirúrgica, uma seringa, tecidos... Podem se transformar – com imaginação – em qualquer coisa. Por exemplo: uma luva que vira uma aranha, uma seringa que vira um boneco. Basta que quem os esteja manipulando enxergue suas possibilidades de transformação.

Que materiais utilizar?

... Dentro da caixa de possibilidades existem livros de historias, de poemas, instrumentos musicais, fantoches, dedoches, que podem ser utilizados para auxiliar os atendimentos.

Técnica de manipulação de bonecos:

- Atenção ao olhar do boneco;
- Mexer a boca quando fala;
- Procurar uma modulação vocal sem que machuque seu aparelho fonador, para dar vida ao boneco (voz anasalada, grave ou aguda etc.);
- Manter o foco no olhar no boneco ajuda para que as pessoas o vejam e não a pessoa que o manipula.

Brincadeiras

As brincadeiras muitas vezes, são um delicioso convite para o lugar da fantasia e assim, prepara bem o ambiente para a narração de uma história, possibilita uma interação com o paciente, acompanhante e equipe hospitalar. Elas podem ser cantadas, jogos de adivinhas, trava-linguas, parlendas etc.

Estratégias e recursos para atuação na UTI de acordo com o perfil do paciente

UTI Neonatal

O repertório pode ser formado por pequenas histórias, poemas e cantigas. É importante que esse repertório esteja preenchido de sentido para quem vai narrar.

Ao trabalhar com poemas, você pode repeti-lo diversas vezes a um bebê. Os versos tem ritmos variados que repetidos podem também virar músicas.

As melodias podem auxiliar tanto para acalmar (como as que tem semelhanças com cantigas de ninar-leves, suave e simples). Como para despertar, por exemplo, um bebê que precisa acordar para mamar. Ritmos quebrados e acelerados com melodias dinâmicas ajudam-no a despertar.

Exemplos de melodia para acalmar: acalantos, Boi da cara preta, Dorme nenê, Alecrim... Exemplos de músicas com ritmo quebrado e melodias dinâmicas: Pato pateta, Atirei o pau no gato.

UTI Pediátrica

Com as crianças, o repertório pode ser adequado de acordo com idade, temas e outras propostas. Os contos de fadas, lendas, fábulas, mitos e poemas são boas propostas.

As brincadeiras populares, cantigas, parlendas, trava-linguas, jogos de adivinhas e bonecos podem ser ótimos recursos de interação com a criança, e abrem espaço para que a narrativa seja realizada.

UTI adulto

Com os adultos, o repertório pode ser formado por contos populares de diversas culturas, contos de ensinamentos, contos tradicionais, lendas, mitos e poemas.

O uso do repertório pode ser determinado de acordo com o perfil do paciente, ou algum tema que seja escolhido para trabalhar como por exemplo: histórias regionais, mitos de criação, histórias de amor, lendas indígenas, contos de humor, etc.

Equipe hospitalar e acompanhantes

A orientação é a mesma. Porém, pode-se aumentar o volume da fala conforme andamento do atendimento, além de conectar o atendente aos pacientes através do som de suas vozes. Para os casos de acompanhantes é importante que o paciente os ouça falar, cantar e que os vejam mais descontraídos. Em muitos casos, ao ouvir (ou ver) seus acompanhantes participando do atendimento, o paciente se tranqüiliza e se alegra.

Às vezes, os acompanhantes estão precisando do atendimento, tanto ou mais que os próprios pacientes.

MÚSICA

Marilisa Galvão Basso de Oliveira, Mauricio Anacleto, Tânia Marilis

No ambiente da UTI hospitalar, a música pode ser de grande valia para sensibilizar pessoas que estão passando por uma fase de sofrimento. Por isso, o estado de atenção, perspicácia e respeito são qualidades fundamentais para quem pretende fazer um bom trabalho valendo-se da linguagem musical.

Desde o nosso nascimento, por meio do choro, utilizamos o som para marcar nossa presença neste mundo. A partir desse instante, passamos a desenvolver nossa capacidade de expressão, comunicação e relação.

A música pode nos unir ao ambiente que nos cerca de maneira criativa e bela, facilitando o desenvolvimento das nossas propostas e objetivos. Com ela, podemos superar as diferenças e criar um mundo mais saudável, onde as dificuldades se transformam em força e esperança para viver o futuro. As alternativas sonoras que podemos explorar são amplas, desde os ruídos do próprio ambiente, sons corporais até um “Noturno” de Chopin.

Podemos sensibilizar e treinar nossos ouvidos, escutando o canto dos pássaros, a queda das águas de uma cachoeira, o coaxar dos sapos, sons da ‘cidade’, descobrindo ritmos e timbres tão variados que uma orquestra sinfônica teria dificuldade em reproduzir.

Quando ouvimos música, recebemos sua influência a ponto de acelerar ou retardar, regular ou desregular as batidas do coração; relaxar ou retesar os nervos; e ela influi também na nossa pressão arterial, na digestão, no ritmo da respiração, no nosso estado de humor e até mesmo na nossa auto-estima.

A música pode despertar dentro de nós potenciais adormecidos e fortalecer a busca por novas realizações, estimulando nossa criatividade.

A música no ambiente das UTIs hospitalares

É importante conhecermos o local e o tipo de pessoas com as quais vamos trabalhar. Essas informações podem ser obtidas com a equipe hospitalar da instituição onde os pacientes estão internados; as doenças que sofrem, as limitações a que estão sujeitos.

Ao iniciarmos o trabalho, devemos procurar criar um vínculo com o paciente, seja ele criança ou adulto. Este vínculo começa a ser construído numa primeira troca de olhares, quando explicamos quem somos e o que estamos oferecendo.

Mas é necessária uma atitude diferente nesse momento; na verdade iremos ‘ouvir’ e ‘apreciar’ esse silêncio para em seguida conduzir a um estado de abertura e atenção sobre si mesmos e do próprio ambiente, percebendo sons e ruídos corporais, do espaço próximo e distante, mostrando que eles também fazem parte da música da vida.

Continuamos a aproximação buscando conhecer um pouco mais de cada paciente, sua idade, seu local de origem. Dessa forma já criamos uma relação mais descontraída e próxima, facilitando o desenvolvimento do nosso trabalho.

O educador deve estar sempre disposto a dar o melhor de si, sem esperar em troca elogios ou aplausos. A postura demonstrando simpatia, acolhimento e até estimulando (quando possível) sua participação para apreciar a música, cantar junto, tocar um instrumento de percussão, criando um clima ideal para atingir os objetivos propostos.

Quais recursos podemos usar e como utiliza-los?

Técnicas possíveis com materiais da caixa de possibilidades

Para que o capacitando possa atuar no ambiente hospitalar é importante estar conscientizado que sua atuação trará benefícios para o paciente, acompanhante e equipe hospitalar, por mais simples que seja sua ação.

A sua expressão artística por si promovera uma troca rica com as pessoas atendidas atingindo os objetivos do processo.

Abaixo iremos descrever algumas opções de atuação musical para nortear o atendimento desse capacitando. Outras formas de atuação poderão ser propostas pela pessoa, tendo em vista suas experiências anteriores.

Utilização de musica mecânica (CDs, MP3, etc.) para esse recurso e importante que se monte uma discografia com vários tipos de musicas e autores para poder atender grupos de pacientes heterogêneos.

É importante atender para não deixar a musica em um volume que incomode o paciente ou atrapalhe o andamento do serviço em UTIs

Canto Capela

O que fazer se o capacitando não toca nenhum instrumento, seja ele harmônico ou de percussão?

Ele pode utilizar o canto capela, que e a utilização da voz sem nenhum acompanhamento.

Para isso, devera montar um repertório bastante variado (musicas infantis, sambas, xotes, valsas, chorinhos, etc.) porem com melodias e letras simples, pois para se expressar musicalmente para os pacientes e importante que

conheça bem a música que será cantada. Não é necessário um vasto repertório, mas a variedade é fundamental.

Utilização de sons diversos

Poderá utilizar estímulos sonoros diversos para sensibilizar os atendidos. Caixinha de musica, principalmente com as crianças, metalofone, xilofone, chocalhos, guizos, etc.

O metalofone é um instrumento melódico tocado com a baqueta de metal e tem na caixa de possibilidades.

Canto com a utilização de instrumentos de percussão

É outra forma de atendimento onde se une o canto com os instrumentos de percussão, chocalhos, guizos, maracás, etc.

O instrumento de percussão acrescenta mais ritmo a expressão musical, e se os atendidos quiserem ou tiverem condições de tocar esses instrumentos terá um efeito motivador para participar da atividade. É sempre importante frisar da necessidade de higienização destes instrumentos nos ambientes dos hospitais.

Jogos ou Brincadeiras Musicais

Uma maneira bem interessante de trabalhar com música em hospitais é o uso do lúdico nas atividades. Lúdico é fantasia, é brincadeira é criar novas formas e ver algo por um ângulo mais poético mais divertido, menos objetivo e mais subjetivo. É soltar nosso lado criança que às vezes fica adormecido.

Algumas musicas recreativas poderão ser utilizadas neste trabalho. Por exemplo:

O “fulano” rouba pão na casa do João.

Quem eu? Você!

Eu não! Então quem foi?

Canto com a utilização de acompanhamento (violão, teclado, sanfona, etc.)

O capacitando, tendo este recurso já assimilado poderá utilizá-lo para incrementar seu atendimento.

Novamente o cuidado com o volume a ser tocado, os instrumentos devem ser levados em consideração para não incomodar ao invés de trazer benefícios. Música instrumental (só tocada) é muito bem vinda neste trabalho em hospitais (UTIs)

Uso das letras de musicas em forma de poesia

Muitas musicas trazem nas letras mensagens positivas ou mesmo são verdadeiras obras primas, que a simples leitura das mesmas poderá trazer benefícios para os atendidos.

Como trabalhar com as diversas situações dos pacientes

Paciente acordado, porém entubado e sem verbalização

Este paciente só consegue “responder” por gestos ou olhares. Pode-se criar diálogos com ele onde “responderá” (afirmativamente ou negativamente) por gestos. É importante que ele queira ser atendido e ele poderá através de gestos “responder” essa questão.

A partir daí poderemos atender. Poderemos saber seu gosto musical, e através da ficha do paciente ou mesmo contato com a enfermagem, colher detalhes sobre o paciente, importante para o atendimento.

Paciente acordado sem comunicação verbal e sem comunicação gestual

Este paciente não consegue se comunicar, porém seu olhar pode nos dar algumas direções a seguir.

Iniciar o atendimento com canções suaves e verificar a reação do paciente.

Dependendo de sua reação continuar ou interromper a atividade. É sempre importante respeitar a vontade do paciente e trazer prazer para ele.

Paciente idoso, consciente

O paciente idoso requer um atenção diferenciada, pois geralmente gostam de falar, de contar sobre sua vida, são saudosos, gostam de músicas antigas.

Por isso é importante a variedade de repertório, tanto de música mecânica como também das canções a serem cantadas e também sermos bons ouvintes, sempre

Equipe hospitalar e acompanhantes

A orientação é a mesma. Porém, pode-se aumentar o volume da fala conforme andamento do atendimento, além de conectar o atendente aos pacientes através do som de suas vozes. Para os casos de acompanhantes é importante que o paciente os ouça falar, cantar e que os vejam mais descontraídos. Em muitos casos, ao ouvir (ou ver) seus acompanhantes participando do atendimento, o paciente se tranqüiliza e se alegra.

No trabalho em UTI alguns cuidados são importantes e necessários para a relação capacitando, equipe hospitalar, paciente, acompanhantes e em todo o contexto, considerando como o próprio ambiente hospitalar.

As atividades feitas com sons, instrumentos de percussão e/ou melódicos, voz, músicas (em geral), devem ser cuidadosamente preparados e conscientizadas pelo capacitando, no que diz respeito às necessidades e limitações do ambiente atendido.

Em relação aos “cuidados necessários” para uma atuação onde temos que buscar atingir nossos objetivos, podemos dividir em:

O uso da voz

- O falar com a equipe de saúde antes do início da atividade. Sempre falar perto da pessoa, nunca chamar de longe um profissional para esclarecer uma dúvida ou outra informação.
- O falar com o paciente deve ser com voz firme e suave, colocando nas palavras a maior clareza possível sobre as explicações do trabalho, procurando expressar na voz uma sonoridade de cuidado, acolhimento.
- O uso da voz no cantar ou falar a letra de uma música, deve ser em um volume baixo, suave e ao mesmo tempo firme. Cantar para um paciente é como envolver e ofertar aquilo que temos de melhor naquele momento.

A música que escolhemos pode ser de uma melodia linda, uma letra significativa, mas se formos cantá-la como se tivéssemos fazendo um espetáculo, esquecendo a especificidade de uma UTI, perdemos o nosso objetivo e ainda corremos um grande risco de desagradar e até mesmo incomodar o paciente e o próprio ambiente.

Portanto, devemos sempre ter em mente que estamos cantando, falando (se comunicando), com o paciente e/ou equipe de saúde, procurando atender às necessidades deles e não as nossas, naquele momento.

Tipos de materiais

Os materiais que em geral usamos para o nosso trabalho se encontram na caixa de possibilidades. São instrumentos melódicos, de percussão, CD's, letras de músicas, livros de poemas.

O ideal é que todo o material possa ser esterilizado através de água e sabão ou papel com álcool.

Técnicas possíveis (caixa de possibilidades)

Faixas etárias: estratégia mais adequadas

A escolha das músicas (repertório e compositores) para se trabalhar deve ser o mais eclético possível, pois dessa forma garantimos um atendimento que agrade os participantes.

Perguntar ao paciente sua idade nos facilita a escolha de uma música que possa lhe agradar. Perguntar a ele sua origem, qual seu gosto, preferência musical, também nos possibilita acertar na escolha da música.

Quando temos um repertório musical bem amplo, podemos propor ao paciente “escolha uma música”, “um estilo musical”, “um cantor”, “um compositor” içando a escolha final para o capacitando.

Tipos de paciente e como proceder – estratégias mais adequadas.

Numa UTI encontramos pacientes:

Acordados e conscientes, com comunicação verbal

Esses pacientes em geral são comunicativos e expressam seus sentimentos, pensamentos de forma natural. Devemos procurar conhecer sua origem, idade e um pouco sobre seu gosto musical.

Alguns pacientes procuram “segurar” o capacitado, pedindo muitas músicas ou contando histórias da sua vida. Neste caso, o capacitado deve dar atenção, sem se prolongar, pois é importante atender outros pacientes também.

Pacientes jovens na faixa etária de 15 a 20 anos

É interessante com estes pacientes procurar despertar sua atenção para os estilos musicais diferentes, que temos na nossa própria música brasileira. Colocar músicas para ele escutar de ritmos diferentes e chamar atenção para essas diferenças.

Mostrar timbres diferentes dos instrumentos de percussão e melódicos
Propor um tipo de jogo sonoro onde educador ensina o paciente como fazer isto.

Obs.: estas estratégias também podem ser usadas para outros pacientes.

Exemplo:

Escolher a letra de uma música conhecida pelo paciente e capacitado e cantar com movimentos das frases.

Em um momento o paciente fala ou canta uma frase e o capacitado responde, dando sequência e vice e versa, cantigas de roda (para crianças e adultos trabalharem juntos), instrumentos musicais e de percussão, um toca-fitas ou toca CDs, livros com ilustrações musicais e outros.

Não é necessário saber tocar um instrumento musical para trabalhar com

sons de forma criativa e bela. Podemos explorar sons e ritmos corporais, sons dos animais, sons da natureza, sons dos objetos e do próprio ambiente.

Quando apresentamos músicas já gravadas, é bom escolher um repertório conhecido por nós, sabermos o nome dos compositores, cantor ou grupo e até mesmo quais instrumentos estão sendo usados. Músicas eruditas devem ser apreciadas para ampliar o conhecimento e o gosto musicais. Explorar obras de um compositor brasileiro ou até mesmo internacional também é interessante. Podemos colocar a música, tocar ou cantarmos juntos, apenas ouvir, para em seguida chamar a atenção ao tipo de ritmo, sua origem, os instrumentos usados e no aspecto mais pessoal, também trocar com eles, as sensações e recordações que tiveram durante a audição. Vale também pedir que eles próprios apresentem os compositores de sua preferência, criando um espaço para expressar seus gostos e preferências musicais.

Em relação à criança, mais espontânea que o adulto, é fundamental saber despertar o seu interesse pela atividade que apresentamos. Isso depende, em grande parte, da nossa experiência com aquilo que estamos oferecendo.

Assim, é importante que todas as atividades infantis tenham sido previamente executadas por nós, em nossa casa, com nossos filhos, irmãos, sobrinhos e amigos. Dessa forma incorporamos a sensação e a energia acumuladas. Ao praticarmos com outras pessoas, fora de nosso círculo íntimo, transmitimos um pouco daquilo que já vivenciamos antes.

Sugestões para atividades com crianças

A escolha do repertório de canções deve levar em conta melodia, ritmo e letra adequados às atividades propostas.

Temos na nossa cultura popular temas que podem ser explorados com grande interesse para todos, pois dizem respeito às nossas raízes. As tradições musicais de outras regiões enriquecem e ampliam o conhecimento

do universo musical, expandindo a consciência sobre a identidade cultural do nosso país.

Bons exemplos são o bumba-meu-boi, do Maranhão; boi-bumbá, do Pará; o maracatu, de Pernambuco e do Ceará; reisados, congadas, jongo, moçambiques, pastoris, cavalo-marinho; frevo, coco, samba, danças dramáticas, folgedos, festas.

Para esse conhecimento musical, no CD “Canções do Brasil”, da coleção Palavra Cantada, as músicas regionais são cantadas pelas crianças e a diversidade de ritmos gravada é de grande valia para o objetivo desse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artes plásticas

ACEDO Rosane e ARANHA, Cecilia. *Encontro com Portinari*. São Paulo: Projeto Portinari e Minden, 1996.

CANTON, Katia. *Bicho de Artista*. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

Coleção Lua Nova, Série Olharte. São Paulo: Paulinas, 1992. Títulos: Picasso, Tarsila, Goeldi.

MACHADO, Regina, TOZZI, Claudio. São Paulo: Moderna, 2004.

PELLEGRINI, Sandra Brecheret. *Contando a Arte de Brecheret*. São Paulo: Noovha América, 2003.

Contação de histórias

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil - Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Ed Scipione, 2002.

ALVES, Rubem Alves. *Por Uma Educação Romântica*. Campinas: Editora Papirus, 2003.

ANDERSEN, Hans Christian – Contos e histórias – Ed. Landy

BAPTISTA, Ivan e BARRETO, Marcello. *O Saco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

BOFF, Leonardo – O Casamento entre o Céu e a Terra – Ed. Salamandra – 2001

BONAVENTURE, Jette. O que conta o Conto. São Paulo. Editora: Paulus-1992

BRUNO, Bettelheim. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1980

CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. São Paulo: Global, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 2003.

REMEN, Rachel Naomi. Histórias que curam. São Paulo. Editora: Agora – 1998

DEMI – O Pote Vazio – Editora: Martins Fontes

ÉSTES, Clarrissa Pinkolas – Contos dos Irmãos Grimm – Ed. Rocco

FALCÃO, Adriana – Mania de Explicação – Ed. Salamandra

FERNANDES, Millor. *Hai Kais*. Editora L&PM Pocket.

FRANÇA, Mary e Ednardo. *Na roça*.

GIANNI, Rodari. Gramática da Fantasia. São Paulo. Editora: Summus- 1982

GRILO, Nícia – Histórias da Tradição Sufi – Ed. Dervish

MACHADO, Regina. *Acordais - Fundamentos Teórico-poéticos da arte de contar histórias*, São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

MEIRELES, Cecília – Ou Isto, ou Aquilo – E. Nova Fronteira

MISTRY, Philip A Volta ao Mundo em 52 histórias – Ed. Cia das Letras.

RIBEIRO, Jonas. *Ouvidos Dourados - A arte de Ouvir as Histórias (...para Depois Contá-las...)*. São Paulo: Ed Ave Maria, São Paulo, 2002.

SIMPKINSON, Charles. *Histórias Sagradas – Uma exaltação do poder de cura e transformação*. Rio de Janeiro – Editora: Rocco - 2002

TAHAN, Malban. *A Arte de Ler e Contar Histórias*. Rio de Janeiro. Editora Conquista. 1961

Música

A Música dos Instrumentos: Melhoramentos (ilustrativo)

ARRUDA, Yolanda de Quadros. *Cantos Infantis*. Irmãos Vitale

BRITO, Alencar Teça. *Música na Educação Infantil*. São Paulo: Peirópolis, 2003

GOMES, Rodrigues, Neide, BIAGIONI, Maria Zeí, VISCONTI, Márcia. *A Criança é a música* (com CD). São Paulo: Fermata, 1998.

HAMEL, Michael Peter. *O Autoconhecimento Através da Música*. São Paulo: Cultrix

NACHMANOVITCH, Steffen. *Ser Criativo*. São Paulo: Summus, 1993

TAME, David. *O Poder Oculto da Música*. São Paulo: Cultrix

ZIMMERMANN, Nilsa. *O Mundo Encantado da Música* (3 vols, com CDs). São Paulo: Paulinas, 1996

CD: TATIT, Paulo; PERES, Sandra. *Coleção Palavra Cantada*

Sites

Sobre museus

Pinacoteca de São Paulo –

<http://www.saopaulo.sp.gov.br/saopaulo/cultura/museus/pinac.htm>

Museu de Arte Contemporânea - <http://www.mac.usp.br>

Museu de Arte de São Paulo - [http://www. Masp.art.br](http://www.Masp.art.br)

Museu de Arte Moderna - <http://www.mam.org.br>

Museu Lasar Segall - <http://www.museusegall.org.br>

Instituto Tomie Ohtake - [http:// www. Institutotomieohtake.org.br](http://www.Institutotomieohtake.org.br)

Sobre atividades artísticas

Viagem ao mundo de Candinho <http://www.portinari.org.br>

Museu Virtual - <http://www.museuvirtual.com.br>

Caleidoscópio - <http://www,caleidoscopio.art.br>

Angela Lago - <http://www.angela-lago.com.br>

Sobre música

<http://www.musicasmaq.com.br>

http://www.supersitesdawe.com/super_dicas3.htm

<http://www.palavracantada.com.br>

Sobre responsabilidade social

<http://www.ethos.org.br>

<http://www.gife.org.br>

<http://www.sebrae.com.br>

<http://ceris.org.br>

Sobre voluntariado

<http://www.voluntariado.org.br>

<http://www.programavoluntarios.org.br>

Sobre Terceiro Setor

<http://www.filantropia.org>

<http://www.rits.org.br>

<http://www.terceirosetor.org.br>

<http://www.mapadoterceirosetor.org.br>

Sobre a AD

<http://www.artedespertar.org.br>

FICHA TÉCNICA

Capacitação, Atividades Arte Educativas e Supervisão

Camila Bluwol Bigio

Célia Gomes

Maria Helena Sponton

Mauricio Anacleto

Marilisa Galvão Basso de Oliveira

Tania Marilis

Paula Galasso

Equipe de elaboração do material de apoio

Andrezza Medeiros Vieira da Silva

Camila Bluwol Bigio

Célia Gomes

Maria Helena Sponton

Mauricio Anacleto

Marilisa Oliveira

Tania Marilis

Paula Galasso

Regina Vidigal Guarita

Sonia de Almeida Sampaio Teixeira

Musicas em estudio

Célia Gomes

Mauricio Anacleto

Marilisa Oliveira

Tania Marilis

Paula Galasso

Realização

Arte Despertar

Patrocínio

Bandeirante - Energias do Brasil

Aliança

Secretaria Municipal de Saúde - Guarulhos

Humaniza SUS

Parceria

Hospital Geral de Guarulhos

Hospital Municipal da Criança

Hospital Municipal de Urgências

Hospital Jesus, José e Maria

Hospital Stella Maris